

«Cristo nosso Sal» —a *participatio* em Tomás de Aquino

Jean Lauand

Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação
jeanlaua@usp.br

Resumo

Dentre as metáforas bíblicas para Cristo - e sua interpretação na teologia medieval - este artigo examina o conceito de participação (e a graça como participação) em Tomás de Aquino e sua relação com a rara metáfora de Cristo sal. O sal, entre outras interpretações, é, para Tomás, a *discretio*, a decisão sábia.

Palavras chave: Metáforas bíblicas para Cristo, Teologia da Idade Média, Tomás de Aquino, Teoria da participação, Graça.

Abstract. «*Christ Our Salt*» —the *participatio* in *Thomas Aquinas*

Among the biblical metaphors for Christ —and their interpretation in medieval theology—, this paper examines Aquinas's concept of participation (and grace as participation) and its relation with the rare metaphor of Christ salt. Salt, among other interpretations, is the *discretio*, the wise decision.

Key words: Biblical Metaphors for Christ, Theology of Middle Ages, Thomas Aquinas, Theory of Participation, Grace.

Sumário

Metáforas para Cristo	Cristo Luz em Agostinho
A <i>participatio</i> no pensamento de Tomás	O sal na tradição patrística
A <i>participatio</i> como sal	O sal como <i>discretio</i>

Dedicado a Pere Villalba, grande mestre que —com sua erudição, sabedoria e amizade— constantemente nos ensina a *sym-pathía* e a “*syn-khairía*”, abrir-se ao outro e sentir —como próprias— suas dores e alegrias: realização cabal do humanismo

Metáforas para Cristo

A tradição cristã vale-se de diversas formas, metafóricas ou não, para designar Cristo, algumas extraídas das próprias falas de Jesus e das Escrituras. Fórmulas mais ou menos consagradas pelo uso, cada uma acentuando este ou aquele aspecto de seu ser ou de sua missão redentora.

Com alguma surpresa, deparei com a expressão «Cristo é o sal», recolhida na *Catena Aurea in Marcum* (cp 9, lc 6) de Tomás de Aquino. Muito mais familiares, para ficarmos só no Evangelho de João, são «o pão» (6, 35); «a luz» (8, 12); «a porta» (10, 9); «a ressurreição» (11, 25); «a vide» (14, 6); «o caminho», «a verdade», «a vida» (14, 6); etc.

Algumas dessas formas remetem a um conceito chave para a compreensão da relação entre Cristo e os cristãos: o de *participatio*; participação, evidente, por exemplo, na metáfora «Cristo Vide».

A participação é importante porque é o conceito diferencial do cristianismo: ser cristão, mais do que aderir a uma doutrina, é participar da filiação divina de Cristo: um conceito impensável, digamos, para o islamismo ou para o judaísmo. Para os cristãos, nós temos a filiação no Filho; a luz na Luz; a verdade na Verdade; etc. Se o fato essencial do cristianismo é a ligação com Cristo, é natural que o Evangelho apresente comparações que permitam falar da dinâmica de estar ligados/desligados nEle.

É nessa clave que se inserirá também a distinção que o Cristianismo —como todas as religiões— faz entre bons e maus; justos e injustos, inclusive no seio da própria Igreja. Nas Jornadas Mundiais da Juventude de 2005, o Papa declarou:

Pode-se criticar muito à Igreja. Sabemos, e o Senhor mesmo nos disse: é uma rede com peixes bons e maus, um campo com trigo e joio (*Bento XVI - Vigília das Jornadas Mundiais da Juventude; Marienfeld, 20-08-05*).

Para além das comparações de bem/mal: bom pastor / mau pastor (Jo 10, 11 e ss.); joio e trigo (Mt 13, 25 e ss.); peixes bons e peixes maus (Mt 13, 46 e ss.), etc., as metáforas da participação permitem acentuar o elemento de desvirtuamento, de corrupção das pessoas ou instituições («Vós sois o sal...») da Igreja: «Se a luz que há em ti são trevas...» (Mt 6, 23); «se o sal se desvirtua...» (Mt 5, 13; Mc 9, 50; Lc 14, 34). Pois, como no caso da seita dos fariseus, muitas vezes, os mais «religiosos», os mais praticantes é que são o sal desvirtuado. E é interessante notar que o próprio Tomás (que vai falar de sais que não são sal), lembra o provérbio que diz que para se conhecer uma pessoa (ou instituição) verdadeiramente é necessário antes comer um saco de sal com ela:

Non contingit quod aliqui seinvicem cognoscant antequam simul comedunt mensuram salis (*Sent. Libri Ethic.* lb 8, lc 3, 21).

Os cristãos, hoje, certamente continuam a considerar a passagem do Evangelho em que Cristo fala do sal, mas é muito raro dizer que Cristo é o Sal¹.

Embora o Evangelho não diga expressamente que Cristo é o Sal, alguns autores antigos recolheram essa idéia, também na clave da *participatio*.

Mas, antes, vejamos, brevemente, esse conceito em Tomás.

A *participatio* no pensamento de Tomás

Ao contemplar a grande e grandiosa obra de Tomás de Aquino, James Weisheipl faz sugestiva observação: «Tomás, como todo mundo, teve uma evolução intelectual e espiritual. O fato assombroso, porém, é que, desde muito jovem, Tomás apreendeu certos princípios filosóficos fundamentais que nunca abandonou»².

Um destes princípios é o da participação³, que é a base tanto de sua concepção do ser como —no plano já estritamente teológico— da graça.

Para podermos analisar a metáfora do sal na clave da *participatio*, recolho algumas considerações de base, nos parágrafos seguintes, tomadas de um estudo que publiquei alhures⁴ sobre a doutrina tomasiana da participação.

Freqüentemente as grandes teses de Tomás se elucidam a partir do uso comum da linguagem. Começemos reparando no fato de que na linguagem comum, «participar» significa —e deriva de— «tomar parte» (*partem capere*). Ora, há diversos sentidos e modos desse «tomar parte»⁵. Um primeiro é o de «participar» de modo quantitativo, caso em que o todo «participado» é materialmente subdividido e deixa de existir: se quatro pessoas participam de uma pizza, ela se desfaz no momento em que cada um toma a sua parte.

Num segundo sentido, «participar» indica «ter em comum» algo imaterial, uma realidade que não se desfaz nem se altera quando participada; é assim que se «par-

1. E quando se diz que Cristo é sal, é no plano figurado, como na sugestiva observação do poeta Bruno Tolentino. Numa entrevista, referindo-se à conversão, ele diz: «Mas voltando à sua pergunta inicial sobre a conversão, é como a parábola do sal. Cristo é o sal. O sal realça o gosto da comida, não muda o gosto da comida, torna o peixe mais peixe, a carne mais carne. Assim como o encontro com Cristo não muda o que você é, mas agora você se torna você na dosagem perfeita: aquilo para que você era destinado ser. Eu estou neste processo em que sou cada vez mais eu mesmo. Eu parei de ser uma caricatura de mim mesmo. Como dizia Pindaro: 'Torna-te o que tu és'. Você se torna o que você é. Há um nível supra-real da pessoa. É isso o que só Deus sabe. Nesta perspectiva o ato poético é um ante-gosto, um antepasto desta plenitude». <http://www.catolicanaet.com.br/sitepassos/paginarv.asp?cod=71&tipo=0> «Passos», No. 40, junho 2003.

2. Uma exceção, bem no sentido clássico da *participatio*, é a homilia do Cardeal Francisco Javier Errázuriz (N.º III), nas Jornadas Mundiais da Juventude (Toronto, 2002): «Porque Cristo es la verdadera sal, comprendemos que el llamado de Jesús a ser sal de la tierra, expresa nuestra vocación más plena y verdadera, la de ser como él, es decir, otros »cristos« en medio del mundo... etc.».

3. WEISHEIPL, James A. *Tomás de Aquino - Vida, obras y doctrina*. Pamplona: Eunsas, 1994, p. 16.

4. Doutrina essencialíssima e que não é aristotélica: dá a problematidade de reduzir Tomás a um aristotélico...

5. No estudo introdutório a *Tomás de Aquino: Verdade e Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

5. Cf. OCÁRIZ, F. *Hijos de Dios en Cristo*. Pamplona: Eunsas, 1972, p. 42 e ss.

ticipa» a mudança de endereço «a amigos e clientes», ou ainda que se «dá parte à polícia».

O terceiro sentido, mais profundo e decisivo, é o que é expresso pela palavra grega *metékhein*, que indica um «ter com», um «co-ter», ou simplesmente um «ter» em oposição a «ser»; um «ter» pela dependência (participação) com outro que «é». Como veremos em mais detalhe, Tomás, ao tratar da Criação, utiliza este conceito: a criatura *tem* o ser, por participar do ser de Deus, que *é* ser. E a graça nada mais é do que *ter* —por participação na filiação divina que *é* em Cristo— a vida divina que *é* na Santíssima Trindade.

Há —como indica Weisheipl⁶— três argumentos subjacentes à doutrina da participação: 1) Sempre que há algo comum a duas ou mais coisas, deve haver uma causa comum. 2) Sempre que algum atributo é compartilhado por muitas coisas segundo diferentes graus de participação, ele pertence propriamente àquela que o tem de modo mais perfeito. 3) Tudo que é compartilhado «procedente de outro» reduz-se causalmente àquele que é «per se».

Nesse sentido, adiantemos desde já as principais metáforas de que Tomás se vale para exemplificar: ele compara o ato de ser —conferido em participação às criaturas— à luz e ao fogo: um ferro em brasa *tem* calor porque participa do fogo, que «é calor»⁷; um objeto iluminado «tem luz» por participar da luz que *é* na fonte luminosa. Tendo em conta essa doutrina, já entendemos melhor a sentença de Guimarães Rosa:

O sol não é os raios dele, é o fogo da bola⁸.

No plano natural, todas as criaturas, quer materiais, quer racionais, participam do ser e, portanto, da natureza divina; toda a criação, e o homem especialmente, por sua perfeição própria, reflete no seu ser a Bondade, a Verdade, a Beleza de Deus. No plano sobrenatural, porém, ocorre uma participação da natureza divina como divindade, uma participação de Deus enquanto Deus, um tornarmo-nos Deus; passamos a ser *divinae naturae consortes*, como diz São Pedro (2 Pe 1, 4), participantes da própria vida íntima de Deus. E isto, diz Tomás, é a graça.

A participação sobrenatural atinge por inteiro o ser humano, de tal forma que se pode falar de uma «nova geração» ou «re-criação»⁹; torna o cristão «filho de Deus» de uma maneira totalmente nova: o cristão participa da Filiação do Verbo —Cristo é Filho de Deus, e o cristão, que participa de Cristo, tem a filiação divina. Esta filiação divina distingue-se absolutamente daquela pela qual todos os homens são filhos de Deus, porque participam, ao existirem, do ser de Deus.

Tomás insiste nesse participar de Deus: «A graça é uma certa semelhança com Deus de que o homem participa»¹⁰; «O primeiro efeito da graça é conferir um ser

6. *Op. cit.*, p. 240-241.

7. Evidentemente, não no sentido da física atual, mas o exemplo é compreensível.

8. *Noites do Sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio. 6a. ed., 1979, p. 71.

9. I-II, 110, 4.

10. III, 2, 10 ad 1.

de alguma forma divino»¹¹; «Pela graça santificante, toda a Trindade passa a habitar na alma»¹².

Participação envolve, pois, graus e procedência. Tomás parte do fenômeno evidente de que há realidades que admitem graus (como diz a antiga canção de Chico Buarque: «tem *mais* samba no encontro que na espera...; tem *mais* samba o perdão que a despedida»). E pode acontecer que a partir de um (in)certo ponto, a palavra já não suporte o esticamento semântico: se chamamos vinho a um excelente Bordeaux, hesitamos em aplicar este nome ao equívoco «Chateau de Carapicuíba» ou «Baron de Quitaúna».

As coisas se complicam — é o caso contemplado por Tomás — quando uma das realidades designadas pela palavra é fonte e raiz da outra: em sua concepção de participação a rigor, não poderíamos predicar «quente» do sol, se a cada momento aplicamos a palavra «quente» para coisas esquentadas pelo sol, dizendo que a casa ou o dia estão quentes (se o dia ou a casa *têm* calor é porque o sol *é* quente). Assim, deixa de ser incompreensível para o leitor contemporâneo que, no artigo 6 da *Questão disputada sobre o verbo*, Tomás afirme que não se possa dizer que o sol é quente (*sol non potest dici calidus*)! Ele mesmo o explica, anos depois, na *Summa Contra Gentiles* (I, 29, 2), que, a rigor, não poderíamos dizer que o sol é quente, mas também há razões para acabarmos dizendo quente (*calidus*) tanto para o sol como para as coisas que recebem seu calor:

Como os efeitos não têm a plenitude de suas causas, não lhes compete (quando se trata da ‘verdade da coisa’) o mesmo nome e definição delas. No entanto (quando se trata da ‘verdade da predicação’), é necessário encontrar entre uns e outros alguma semelhança, pois é da própria natureza da ação, que *o agente produza algo semelhante a si* (Aristóteles), já que todo agente age segundo o ato que é. Daí que a forma (deficiente) do efeito encontra-se a outro título e segundo outro modo (plenamente) na causa. Daí que não seja unívoca a aplicação do mesmo nome para designar a mesma *ratio* na causa e no efeito. Assim, o sol causa o *calor* nos corpos inferiores agindo segundo o calor que ele é em ato: então é necessário que se afirme alguma semelhança entre o calor gerado pelo sol nas coisas e a virtude ativa do próprio sol, pela qual o calor é causado nelas: daí que se acabe dizendo que o sol é quente, se bem que não segundo o mesmo título pelo qual se afirma que as coisas são quentes. Desse modo, diz-se que o sol — de algum modo — é semelhante a todas as coisas sobre as quais exerce eficazmente seu influxo; mas, por outro lado é-lhes dessemelhante porque o modo como as coisas possuem o calor é diferente do modo como ele se encontra no sol. Assim também, Deus, que distribui todas suas perfeições entre as coisas é-lhes semelhante e, ao mesmo tempo, dessemelhante.

Todas essas considerações parecem extremamente naturais quando nos damos conta de que ocorrem em instâncias familiares e quotidianas de nossa própria língua: um grupo de amigos vai fazer um piquenique em lugar ermo e compra alguns pacotes de gelo (desses que se vendem em postos de gasolina nas estradas) para a

11. III, 2, d. 26, 155.

12. I, 43, 5.

cerveja e refrigerantes. As bebidas foram dispostas em diversos graus de contato com o gelo: algumas garrafas são circundadas por muito gelo; outras, por menos. De tal modo que cada um pode escolher: desde a cerveja «estupidamente gelada» até o refrigerante só «um pouquinho gelado»... Ora, é evidente que o grau de «gelado» é uma qualidade *tida*, que depende do contato, da participação da fonte: o gelo, que, ele mesmo, não pode ser qualificado de «gelado»...

Estes fatos de participação são-nos, no fundo, evidentes, pois com toda a naturalidade dizemos que «gelado», gramaticalmente, é um *participio*...

Participar é receber de outrem algo; mas o que é recebido é recebido não totalmente. Assim, participar implica um receber parcial de algo (*aliquid*) de outro (*ab alio*). Um axioma de que Tomás se vale diz: «Tudo que é recebido é recebido segundo a capacidade do recipiente» (*per modum recipientis recipitur*). E assim «*Omne quod est participatum in aliquo, est in eo per modum participantis: quia nihil potest recipere ultra mensuram suam*» (*I Sent. d. 8, q.1 a.2 sc2*), algo que é participado é recebido segundo a capacidade do participante, pois não se pode receber algo que ultrapasse a sua medida (*mensura*).

A *participatio* como sal

Além das comparações com o fogo e a luz, há a comparação com o sal, que apresenta aspectos peculiares, a partir de seu significado na Bíblia.

Quando tomado simbolicamente, o sal —como todos os símbolos— poderá ser interpretado de muitas maneiras: mais ou menos diretamente ligadas à própria realidade em si do sal.

É a partir da base bíblica e do conhecimento «científico» que se darão as interpretações do sal. Tenha-se em conta que a leitura antiga e medieval da Bíblia é complexa: Tomás explica que há, na Sagrada Escritura quatro sentidos distintos: histórico, alegórico, místico e anagógico. No significado histórico (ou literal) as palavras têm sua significação, digamos, normal (estritamente literal ou metafórica: «o homem ri» ou «o campo ri»); no místico (ou espiritual), as palavras têm um outro significado, superior. O sentido místico, por sua vez, subdivide-se em três: o alegórico, pelo qual a velha lei é figura da nova; o anagógico, pelo qual a nova lei é figura da glória futura; e o moral, pelo qual tomamos exemplo para nossa conduta. O «faça-se a luz» de Gn 1, 3 —o exemplo é de Tomás—, na leitura literal, é entendido como a luz mesmo, a luz física, criada por Deus. Já se a luz do «*fiat lux*» for entendida como Cristo para a Igreja, então a leitura é no sentido alegórico; a leitura será anagógica se entendermos «*fiat lux*» como sendo nosso ingresso na Glória por Cristo; e, finalmente, se essa luz é iluminação para nosso intelecto e calor para nossa vontade, então estamos na leitura moral.¹³

13. *Mysterium autem exponit, cum dicit quae sunt per allegoriam dicta. Et primo ponit modum mysterii; secundo exemplificat, ibi haec enim duo sunt testamenta, et cetera. Dicit ergo: haec quae sunt scripta de duobus filiis, etc., sunt per allegoriam dicta, id est per alium intellectum. Allegoria enim est tropus seu modus loquendi, quo aliquid dicitur et aliud intelligitur. Unde allegoria dicitur ab allos, quod est alienum, et goge, ductio, quasi in alienum intellectum ducens. Sed attendendum*

A Bíblia, se descartarmos os nomes geográficos, refere-se apenas 25 vezes ao sal: 21 vezes no Antigo Testamento; 3 no Evangelho e 1 em Colossenses.

Há, na Bíblia, uma dimensão religiosa para o sal. Javé ordena a Moisés, que prepare um incenso santo, temperado com sal (Ex, 30, 35); todos os sacrifícios oferecidos a Javé devem estar temperados com sal, nunca pode faltar o sal da aliança com Deus (Lv 2, 13); aliança de sal é aliança para sempre (Nm 18, 19). Essa associação do sal ao sacrifício terá sua importância, como veremos, nas considerações de Tomás.

Já em outro contexto, o sal causa esterilidade na terra (Dt 29, 22), e espalhasse sal no solo quando se quer destruir para sempre uma cidade devastada (Jz 9, 45). Por outro lado, quando Eliseu quer eliminar «a morte e a esterilidade» das águas, joga sal na nascente (II Re 2, 21). E quando uma criança nasce deve ser esfregada com sal (Ez 16, 4).

O sal é uma realidade valiosa: o Eclesiástico (39, 26) enumera o sal entre os bens de primeira necessidade. Não só como o tempero por excelência, mas como conservador de alimentos (o nosso tempo, que tem tantas facilidades —como geladeira— mal pode avaliar essa qualidade). O sal é um bem precioso, a ponto de o dinheiro do *salário* receber este nome precisamente pela estreita relação entre dinheiro e sal.

est, quod allegoria sumitur aliquando pro quolibet mystico intellectu, aliquando pro uno tantum ex quatuor qui sunt historicus, allegoricus, mysticus et anagogicus, qui sunt quatuor sensus sacrae Scripturae, et tamen differunt quantum ad significationem. Est enim duplex significatio. Una est per voces; alia est per res quas voces significant. Et hoc specialiter est in sacra Scriptura et non in aliis; cum enim eius auctor sit Deus, in cuius potestate est, quod non solum voces ad designandum accommodet (quod etiam homo facere potest), sed etiam res ipsas. Et ideo in aliis scientiis ab hominibus traditis, quae non possunt accommodari ad significandum nisi tantum verba, voces solum significant. Sed hoc est proprium in ista scientia, ut voces et ipsae res significatae per eas aliquid significant, et ideo haec scientia potest habere plures sensus. Nam illa significatio qua voces significant aliquid, pertinet ad sensum litteralem seu historicum; illa vero significatio qua res significatae per voces iterum res alias significant, pertinet ad sensum mysticum. Per litteralem autem sensum potest aliquid significari dupliciter, scilicet secundum proprietatem locutionis, sicut cum dico homo ridet; vel secundum similitudinem seu metaphoram, sicut cum dico pratum ridet. Et utroque modo utimur in sacra Scriptura, sicut cum dicimus, quantum ad primum, quod Iesus ascendit, et cum dicimus quod sedet a dextris Dei, quantum ad secundum. Et ideo sub sensu litterali includitur parabolicus seu metaphoricus. Mysticus autem sensus seu spiritualis dividitur in tres. Primo namque, sicut dicit apostolus, lex vetus est figura novae legis. Et ideo secundum quod ea quae sunt veteris legis, significant ea quae sunt novae, est sensus allegoricus. Item, secundum Dionysium in libro de caelesti hierarchia, nova lex est figura futurae gloriae. Et ideo secundum quod ea quae sunt in nova lege et in Christo, significant ea quae sunt in patria, est sensus anagogicus. Item, in nova lege ea quae in capite sunt gesta, sunt exempla eorum quae nos facere debemus, quia *quaecumque scripta sunt, ad nostram doctrinam scripta sunt*; et ideo secundum quod ea quae in nova lege facta sunt in Christo et in his quae Christum significant, sunt signa eorum quae nos facere debemus: est sensus moralis. Et omnium horum patet exemplum. Per hoc enim quod dico *fiat lux*, ad litteram, de luce corporali, pertinet ad sensum litteralem. Si intelligatur *fiat lux* id est nascatur Christus in Ecclesia, pertinet ad sensum allegoricum. Si vero dicatur *fiat lux* id est ut per Christum introducatur ad gloriam, pertinet ad sensum anagogicum. Si autem dicatur *fiat lux* id est per Christum illuminemur in intellectu et inflammemur in affectu, pertinet ad sensum morale (*Super Gal.*, cap. 4l.7).

No Evangelho a palavra *sal* aparece em uma única fala de Cristo. Em Mateus, Cristo acaba de proclamar as bem-aventuranças e, ato contínuo, diz:

Vós sois o sal da terra. Mas, se o sal se desvirtua, como ele vai se salgar? Já não serve para mais nada a não ser para ser jogado fora e ser pisado pelos homens (Mt 5, 13).

Em Marcos (9, 50), uma sugestiva variante:

Bom é o sal, mas se o sal se torna insípido, com que o salgareis? Tende sal em vós e tende paz uns com os outros.

Em Lucas (14, 34), a mesma passagem tem a forma:

Bom é o sal, mas se o sal se desvirtua, com que o salgareis? Não é útil para a terra nem como esterco e é jogado fora. Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça.

É interessante notar essa relação com o transcendental *bonum*: ao afirmar que o sal é bom, Cristo está afirmando que o sal é sal: sal bom, sal de verdade, é sal «salgado». O sal que se torna inosso —diz o Aquinate— é aquele que está em si mesmo privado daquela qualidade própria pela qual ele se diz bom. Mas lemos em Tomás (*Catena Aurea in Marcum* cp 9 lc 6) que há sais que têm sal e sais que não têm sal (o que permite continuar com o paralelo ser/grança), embora no caso do sal que não tem sal, a rigor, poderíamos perguntar se cabe ainda falar em sal? Ou se não poderíamos aqui invocar um paralelismo com o exemplo do gelo, no qual não cabe falar em «gelo gelado»? Curiosamente, dentre os mais de 20000 provérbios recolhidos no *Dictionnaire des Proverbes et Dictons* da Robert, encontra-se um da tribo Abé (Costa do Marfim), que diz precisamente isto:

O próprio sal não se diz salgado (Paris, 1989, p. 659).

Seja como for, o texto da *Catena Aurea in Marcum* vai trabalhar com o sal como se o sal recebesse sua salinidade de um Sal, que o é por excelência. O Sal é Cristo e, pela graça, nós podemos ser sal, por participação em Cristo Sal. Aproxima-se, portanto, da análise que já um Agostinho faz da luz.

Cristo Luz em Agostinho

A partir de Cristo Luz, Agostinho estabelece uma importante distinção: a luz que é Cristo; a luz dos cristãos por participação.

Alguém acende uma tocha e, no caso dessa tocha —no que diz respeito à chama que está nela a luzir—, o fogo tem a luz em si mesmo. Já teus olhos, que sem a luz da tocha eram inúteis pois não podiam ver, agora eles têm luz, mas não em si mesmos. E mais, se da tocha se afastam, caem nas trevas; se a ela se voltam, são iluminados. Mas, certamente, este fogo está a luzir enquanto existe; se qui-

seres suprimir a luz, extinguirás no mesmo ato o fogo, pois não se pode dar o fogo sem luz. Ora, Cristo, luz inextinguível e coeterno ao Pai, sempre brilha, sempre está a luzir, sempre queima. Pois se Ele não estivesse sempre queimando, acaso diria o salmo [18 (19), 7]: «Nem há quem possa se esconder de seu calor»? Tu, porém, eras frio em teu pecado; converte-te para que te aqueças: se te afastas, te tornas frio. Em teu pecado eras trevas; converte-te para que te ilumines; se te afastas, serás escuridão. Portanto, como em ti mesmo eras trevas, ao ser iluminado não és luz, embora estejas na luz. Pois diz o Apóstolo (Ef 5, 8): «Fostes, em outro tempo, trevas, mas, agora, luz no Senhor». Ao dizer «agora luz», ajunta: «no Senhor». Em ti, pois, trevas; no Senhor, luz. Por que luz? Porque a participação da Sua luz é luz. Mas se te afastas da luz pela qual tens luz, voltas para as trevas. Mas não se dá o mesmo com Cristo, não com o Verbo de Deus. Como não? «Assim como o Pai tem a vida em Si mesmo, assim também deu ao Filho ter a vida em Si mesmo»: para que Ele viva não em participação, mas de modo imutável, e para que Ele seja em tudo a vida. «Assim, deu ao Filho ter vida». Assim como Ele tem, assim Ele deu. Qual é a diferença? Porque o que Aquele deu, Este recebeu. Acaso Ele não existia quando recebeu? Podemos conceber um Cristo, em algum tempo, sem luz, sendo Ele a Sabedoria do Pai, da qual se disse: «É o fulgor da luz eterna» (Sab 7, 8)? Assim, dizer «deu ao Filho» é como se dissesse: «gerou o Filho e gerando-O deu-lhe que fosse e que fosse vida e assim deu-lhe ser vida em Si mesmo» Que é ser vida em Si mesmo? Não precisar de vida de outro, mas ser Ele mesmo a plenitude da vida, da qual outros, crendo, têm vida enquanto vivem. Deu, pois, a Ele ter vida em si mesmo. Deu-lhe enquanto o quê? Deu-lhe, enquanto Seu Verbo, a Aquele que «no princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus». (*In Evangelium Ioannis Tractatus Centum Viginti Quatuor*, XXII, 10).

Nesta clave é claríssima a sentença de Cristo: «Vós sois a luz do mundo»: pela graça, participamos da Luz que Ele é. Nós, que sem Ele seríamos trevas, estamos na luz em Cristo.

Mas e o sal? Acaso Cristo seria o Sal e os cristãos teriam sal, por participação no Sal Cristo? Parece que sim, pois Cristo dirige-se aos *apóstolos*: «Vós sois o sal...», dizendo que são sal por serem seus apóstolos.

O sal na tradição patrística

Como se sabe, os Padres da Igreja têm facilidade para elásticas interpretações da Bíblia: não nos deteremos nelas. Indiquemos, brevemente, a título de exemplo, algumas interpretações do sal, de que fala o Evangelho, que apontam para a *participatio*.

Para Cipriano, Cristo já não diz que o homem é lodo da Terra, como Adão, mas sal, isto é, deve ser semelhante ao Pai do Céu (*De dominica oratione* CCL 43, cp 17). Paulino de Nola, sentindo-se inosso, pede a S. Nicetas que o tempere com um pouco de seu sal (CCL 203, *Carmen* 27); para Cromácio de Aquiléia, o sal é a Sabedoria de Deus, recebida pelo corpo humano (CCL 218, *Tractatus in Mathaeum*, 18); o tempero da graça do espírito (*ibidem*); por Jerônimo nos vem a fórmula «sal celeste» (e não só terreno) (*Commentarii in Ezechielem*, 4). Para Cesário de Arles,

o sal é a sabedoria (Col 4, 6), mas a Sabedoria é Cristo (CCL 1008, Sermo 126, cap. 2); como em Beda o sal designa a sabedoria do Verbo (CCL 1355 *In Marci Ev. Expositio*, l 3, cp 9).

O texto mais claro, porém, é mesmo o da *Catena*, que Tomás remete a Crisóstomo.

Diga-se de passagem, que não é por acaso, que o Aquinate se refere a Crisóstomo naquele conhecido episódio de sua vida. Um dia, mestre Tomás, acompanhado de alguns alunos, foi visitar as relíquias de São Dionísio e, ao voltar, comovidos ante a beleza e a imponência de Paris —os muros, as torres de Notre-Dame—, um dos estudantes perguntou: «Mestre, que bela é Paris! Não gostaria de ser o senhor desta cidade?». Tomás respondeu: «Mas, que faria eu com ela?». Querendo dar uma resposta religiosamente correta, o estudante respondeu: «O senhor poderia vendê-la ao rei da França e com o dinheiro construir todas as casas dos frades dominicanos». E Tomás responde: «Eu preferiria as homilias de Crisóstomo sobre Mateus».

O texto da *Catena* é sobre a fala de Cristo de que todos —Mc 9, 49— não são salgados com fogo. Tenha-se em conta que Tomás —em *In II Sent.* d14 q1 a5 ra 5 - aceita a interpretação de que o sal da água do mar se forma pela mistura de vapor da terra com a combustão causada pelos raios solares etc. E Cristo ajunta imediatamente: «Bom é o sal, mas se o sal se torna insípido, com que o salgareis? Tende sal em vós e tende paz uns com os outros».

Somos salgados pelo fogo divino, do qual Cristo disse: «Eu vim trazer fogo à terra». E em seguida fala do sal bom, isto é, o fogo do amor. Se o sal for insosso, isto é, privado de si mesmo, sem a própria qualidade pela qual se diz bom, como temperareis? Há saís que têm sal, isto é, têm a plenitude da graça e há saís sem sal... (*Catena Aurea in Marcum* cp 9 lc 6)

E pouco adiante, a partir do (inesperado) versículo de Colossenses, identifica, com clareza total, o sal, os saís, com a participação em Cristo Sal: cada um tem de sal tanto quanto é capaz de receber graças de Deus. Daí que o Apóstolo junte a graça ao sal, dizendo: «Que vossa conversa seja na graça, temperada com sal» (Col 4, 6). O sal é também o Senhor Jesus Cristo, que foi suficiente para conservar toda a terra e fez de muitos na terra saís.

Unusquisque nostrum habeat tantum salis quantum capax est dei gratiarum; unde et apostolus coniungit gratiam sali, dicens: «sermo vester sit in gratia sale conditus». sal etiam est dominus Iesus Christus, qui fuit sufficiens totam terram conservare, et multos in terra fecit sales.

O sal como *discretio*

Se a consideração de Cristo Sal é para nós, hoje, surpreendente, não menos inesperada é a interpretação que Tomás privilegia para essa salinidade: ele a remete ao âmbito da tomada de decisão, do discernimento, do conselho, da prudência, da sabedoria.

Certamente a moderna supressão prática da virtude cardeal da prudência, como virtude pessoal da maturidade cristã (supressão que dá lugar a um cristianismo de

regras e proibições, de «manual de escoteiro moral») guarda relação com nossa estranheza ao vermos, em outras passagens, que Tomás insiste em que esse sal (a que se refere São Paulo) é o discernimento da sabedoria:

Sal autem discretionem sapientiae significat (Super Ep. ad Rom. c. 12l.1).

Per salem intelligitur discretio: quia per ipsum omnis cibus conditus est sapidus; ita omnis actio indiscreta est insipida et inordinata (Super ad Coloss. c. 4l.1).

In sale significatur discretio sapientiae (I-II, 102, 3 ad 14).

Entre outras possíveis interpretações¹⁴, Tomás privilegia a do discernimento da sabedoria: que o cristão guie suas ações pela união com Cristo —Sabedoria e Sal— e, assim, seja capaz de sacrifícios (até mesmo, se for o caso, o sacrifício supremo do martírio) e da realização de toda obra de justiça (*Super Ep. ad Rom. c 12, l 1*).

A prudência —*prudentia nihil sit aliud quam quaedam rectitudo discretionis* (I-II, 61, 4, c)— iluminada pela união com Cristo é hoje virtude tão esquecida como a própria imagem de Cristo Sal.

14. As associações desfilam nas *Catena*e: a sabedoria divina, pregada pelos apóstolos, como o sal, seca os humores das obras carnavais etc. e conserva para a eternidade. O sal, que provém do fogo da caridade; do vento do Espírito e da água do Batismo etc.